A MULHER COMO DESTINATÁRIA E PROTAGONISTA DO ANÚNCIO DO REINO DE DEUS: UMA IMAGEM DA SAMARITANA NO POÇO DE JACÓ

Marcilio Oliveira da Silva[1]
Carlos Ítalo Aires Nogueira[2]

Resumo

O artigo a seguir é uma análise do papel da mulher como destinatária e protagonista do anúncio do Reino de Deus. A metodologia utilizada para a pesquisa e elaboração deste estudo foi o método dedutivo, de natureza qualitativa e tipologia bibliográfica. O *status* da mulher palestinense nos tempos de Jesus era de inferioridade. Ainda que as escrituras hebraicas lhe fizessem menção, destacando-a na história do povo de Deus, os preceitos da lei mosaica (e suas interpretações) faziam da figura feminina uma indigna de envolvimento dentro da religião. Contudo, Jesus, um autêntico judeu praticante da *Torá,* contrastava esse quadro cultural do seu tempo através de uma atitude positiva. No seu ensinamento, Jesus olha para a mulher, como destinatária do Reino de Deus e protagonista na tarefa de proclamá-lo. O encontro com a samaritana no poço de Jacó exemplifica o gesto do mestre galileu em expressar o Reino no agir e no falar. Após o marcante episódio em Samaria, brota o discipulado e a missão. A participação da mulher no anúncio de Jesus é imagem da mensagem de salvação.

Palavras-chave: Mulher. Reino de Deus. Jesus. Samaritana.

Introdução

Jesus contrariou a visão de que seria um rei político e poderoso. Suas palavras e ações revelam que acolhia pequenos e colocava-se ao lado dos marginalizados. Fez isso com os pobres, com as crianças, com leprosos, com os pecadores, com os samaritanos e, de maneira notável, com as mulheres do seu tempo, marginalizadas e compreendidas como propriedade do homem. Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo focalizar este gesto de acolhimento do galileu às mulheres de sua época. Tomando por pressuposto sua atitude de acolhimento, pretende-se perceber o que ele provoca na sociedade de sua época, isto é, quais os impactos dessa acolhida. A atitude de Jesus revela um suposto feminismo, visto que ele admite que mulheres fizessem parte do grupo de seus seguidores.

[1] Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; Bacharel em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró - FDM; Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Diocesana de Mossoró - FDM; Mestrando em Teologia pela Universidade Católica do Pernambuco - UNICAP. E-mail: marcveni_4312@hotmail.com
[2] Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN; Bacharelando em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró - FDM. E-mail: italo-aires14@hotmail.com

O episódio da samaritana no poço de Jacó (Jo 4, 4 – 44) servirá de modelo para a nossa reflexão em torno da figura da mulher na missão de Jesus. Na clássica passagem do quarto Evangelho, a mulher samaritana é apresentada como protagonista do anúncio do Reino após uma experiência com Jesus, que se revela, o Cristo. Nesse encontro, ela sacia muito mais que a sede física, pois encontra em Jesus um olhar que compreende e acolhe, mesmo diante da sua fragilidade. Em meio a tanta condenação que sofria, a samaritana se depara com "a fonte de água viva", na qual nunca mais terá sede.

Jesus e a sociedade palestinense do seu tempo

A Palestina na época de Jesus, do ponto de vista político-social, era uma terra de grandes contrastes. De um lado, havia trabalhadores diaristas, mendigos, pescadores, pequenos artesãos e comerciantes, além de uma grande massa de marginalizados, pobres, fracos, prostitutas, publicanos, mulheres e crianças. Do outro lado, uma classe dominante formada por líderes do Judaísmo oficial (aliados dos dominadores romanos), grupos revolucionários, movimentos de reforma religiosa e participantes do judaísmo herético. Deste último grupo destacavam-se galileus e samaritanos[3] (Cf. ROLLAND; SAULNIER, 1997, p. 42-45).

Os primeiros, embora pertencessem à comunidade religiosa judaica, eram acusados de serem impuros por causa do seu contato com povos pagãos, que produziu influências no seu modo de pregar e praticar a Lei[4]. Eram conhecidos nos círculos judeus de Jerusalém como um povo "sem sofisticação". Em uma linguagem rabínica, eram chamados pelo nome de "galileus estúpidos". Os samaritanos, além da desaprovação de uma união racial histórica com pagãos, não aceitavam o Pentateuco mosaico como Palavra de Deus e substituíram Jerusalém pelo Monte Garizim como local de culto a *Yahweh* (Cf. ROLLAND; SAULNIER, 1997, p. 58-59).

Galileus, samaritanos e uma grande massa de marginalizados são destinatários da mensagem de Jesus. Além desses, havia publicanos, pecadores e prostitutas (Cf. Jo 4,20-21; Lc 10, 25-37). O nazareno não hesita entrar em contato e

[3] Nosso estudo destaca esses dois grupos pelo vínculo que estabelecem com Jesus e a mulher. Jesus era Galileu. Ele não passou apenas alguns anos por lá "ele lá viveu quase toda sua vida pública" (VERMES, 1996, p.14). A mulher era tipicamente samaritana (Cf. Jo 4, 7s). Esses dois personagens, certamente carregavam os traços e os costumes do povo e da região de origem.

[4] Os galileus eram em parte amados e em parte odiados pelo povo. Assim cita Geza Vermes: "eram admirados como combatentes férreos por aqueles que simpatizavam com seus objetivos revolucionários; os que não simpatizavam, no entanto, consideravam-nos perigosos cabeças-quentes" (VERMES, 1996, p. 15).

participar de banquetes com essas pessoas, haja vista que demonstrava predileção por cada uma delas. Na cultura israelita o gesto de sentar-se à mesa para comer a refeição equivalia a estabelecer uma comunhão de vida. Aquele que aceitasse dividir a mesa com pecadores e marginalizados demonstrava estar livre dos preconceitos que caracterizavam as relações sociais daquele tempo. Talvez isso justifique o fato de Jesus ter despertado uma sensação de espanto entre os grupos conservadores (Cf. Jo 8,48) (Cf. SOBRINO, 1996, p. 67-72).

Essa atitude de Jesus não representava entrar em comunhão com o pecado, como acusavam alguns escribas do partido farisaico (Cf. Mc 2,16), mas, dar acesso a pecadores para que entrassem na partilha da vida, na graça e na comunhão através do banquete com o mestre. Bruno Forte cita alguns exemplos dessa "predileção salvadora" de Jesus por esses desprezados, sem lei e sem direitos:

> O encontro, na casa do Fariseu, com a pecadora a quem muito foi perdoado porque muito amou (Cf. Lc 7,36ss); O perdão à adúltera (Cf. Jo 8, 3ss). O episódio de Zaqueu (Cf. 19, 1ss), a vocação do publicano Levi (Cf. Lc 5,27ss); o fato de que publicanos e pecadores acorram numerosos para pôr-se à mesa com ele (Mc 2,15; Mt 9,10) (FORTE, 1985, p. 264).

A presença de Jesus entre essas pessoas sinaliza a realização de um autêntico banquete onde participam pobres, coxos, cegos e aleijados, considerados sem esperança para festejar e encontrar a vida (Cf. Lc 14,21). Jesus escolhe os marginalizados socialmente, tais como pecadores, publicanos, beberrões e prostitutas. Esses destinatários de sua pregação representam os que por sua situação social e religiosa, não podiam esperar nenhuma salvação na situação em que se encontravam[5] (Cf. SOBRINO, 1996, p. 67-72).

Jesus e as mulheres em seu contexto

A atitude de Jesus no contexto da sociedade de sua época nos leva a destacar a sua relação particular com as mulheres. Na Palestina, a mulher é colocada em posição subordinada se comparada ao homem, estando a seu serviço

[5] Esse quadro nos remete à ideia da vinda do Reino de Deus entendido como a libertação do pecador de sua escravidão, por esse motivo Jesus o expressa mais em atos do que em palavras. O sentido da chegada do reino é a superação de uma situação negativa. Os Evangelhos situam Jesus sempre inserido em meio ao negativo, na qual a Boa Nova só pode ser compreendida em total descontinuidade: a liberdade que Jesus prega e realiza só pode aparecer como salvação. Jesus, ao aparecer entre os segregados e não apreciados pela sociedade, a eles dirige fundamentalmente seu anúncio do Reino: enfermos, leprosos, samaritanos, pecadores, crianças e mulheres (SOBRINO, 1996, p. 123-135).

como esposa e mãe. No Templo, como na sinagoga, compete-lhe um setor limitado. No Templo de Jerusalém havia um pátio, que ficava na parte externa, destinado exclusivamente para mulheres. Ele estava cinco degraus abaixo do pátio dos homens. Nos deveres religiosos é equiparada ao escravo, porque se pensa que, como ele, não é senhora do seu tempo. Por isso, nem sequer é instruída na Lei. Um antigo provérbio pronunciava duramente: "As palavras da Torá deveriam antes ser queimadas do que confiadas a uma mulher. (...) Todo aquele que ensina a Torá a sua filha é como aquele que lhe ensina a lascívia" (MISHNÁ, Berachot, 3,3).

Na vida civil, a mulher não tem voz alguma, sequer participa da assembleia do povo (pense-se, por exemplo, no recenseamento de Nm 1,1, que exclui as mulheres, e no rito unicamente masculino da circuncisão, que introduz no povo eleito). Um escrito rabínico proverbial dizia: "Aquele que fala muito com uma mulher traz infelicidade para si, descuida das palavras da Lei e por fim ganha o inferno" (MISHNÁ, Aboth, 1,5). A mulher deve evitar aparecer em público; sua honra está na casa, no respeito e no amor aos filhos. A sua função era exclusivamente gerar filhos. Além do mais, quase sempre estava sob a tutela de um homem, o pai ou o marido, ou, caso fosse viúva, o irmão do falecido esposo (GNILKA, 171-172).

A linguagem androcêntrica e patriarcalista domina a tradição do tempo de Jesus. Esse androcentrismo consiste em fazer com que a mulher não seja visível, podendo ser incluída ou não em expressões do mundo masculino. Na cultura israelita, as mulheres eram consideradas em todas as coisas inferiores aos homens[6]. Foi desse meio que os evangelistas escreveram e buscaram suas fontes. Desse modo, nenhum deles pode ter sido a própria fonte do feminismo identificado em Jesus nos Evangelhos. A sua única fonte possível foi o próprio Jesus. A tendência misógina do Judaísmo e das primeiras comunidades primitivas pode ter ocultado nos escritos neotestamentários, o forte feminismo de Jesus (FORTE, 1985, p. 263-264).

A mulher como destinatária do anúncio do Reino de Deus

Na tradição de Jesus a mulher aparece como destinatária do anúncio do Reino de Deus e, desse modo, como sujeito religioso responsável por si mesmo (Cf. Lc 17,34ss; Cf. Mt 24,40s; Cf. Mt 21,31s). A mensagem que Jesus apresenta tem um

[6] Flávio Josefo declara: "A mulher, diz a lei, é em todas as coisas inferior ao homem" (JOSEFO, II, 201).

poder de cura capaz de recuperar a integridade corporal das mulheres e recolocá-las na comunidade destinatária do Reino de Deus. “O carisma milagreiro de Jesus faz que elas não sejam objeto de sua ação, mas antes as envolve em um processo no qual elas têm um papel ativo” (MERZ; THEISSEN, p. 245-246).

Outrossim, perto de Jesus, perambulando ao seu lado, sempre havia mulheres. Elas tornaram-se discípulas, seguidoras e servidoras de seu projeto salvífico. Lucas faz menção na mesma sentença com os doze: “Os doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças” (Lc 8,1-2a). A abrangência desse fenômeno de mulheres que acompanham Jesus só pode ser avaliado se tomarmos o código comum da cultura hebraica que não permitia que mulheres pudessem ler e estudar a *Torá*. (COLEMAN, 1991, p. 96-97).

Assim como a cultura judaica do tempo de Jesus colocava a mulher num papel de inferioridade, muitas outras ao seu redor faziam o mesmo. Jesus mostrou-se contrário a todas elas. Inserindo-se naquele contexto, o galileu apresenta uma atitude completamente inovadora e revolucionária acolhendo sem distinção homens e mulheres e estabelecendo igual dignidade em vista do Reino de Deus. A sua maneira de agir intriga até mesmo os seus discípulos: Mateus e Marcos aparentam ser bastante discretos, pois fazem as mulheres que acompanhavam Jesus aparecerem somente no episódio do calvário e da ressurreição. Lucas e João, por outro lado, parecem ter mais liberdade. O autor dos Atos dos Apóstolos, apresentam-nas acompanhando o cortejo da cruz (Cf. Lc 8,1-3), e narra o encontro com a pecadora perdoada na casa do fariseu (Cf. Lc 7,36ss) (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 245-246).

A sensibilidade aguçada de Jesus com o clamor dos marginalizados e oprimidos e à participação ativa de mulheres no grupo de seus seguidores, permitiu a inclusão do mundo feminino na linguagem do anúncio do Reino de Salvação.

O encontro com a samaritana: imagem do anúncio de Jesus

Do que vimos até agora, infere-se que numerosas mulheres seguiam Jesus. A presença delas em torno do mestre era um fato espantoso no mundo palestino, algo revolucionário e inédito. A atitude aberta de Jesus com cada mulher que encontrava gerava inúmeras dúvidas e protestos especialmente entre seus

opositores como judeus patriarcalistas e fariseus. É o caso do episódio com a mulher samaritana, narrado pelo quarto Evangelho (Cf. Jo 4, 1-45).

Jesus decide sair da Judeia e voltar para a Galileia por medo dos fariseus que souberam que ele fazia muitos discípulos e batizava mais do que João Batista (Cf. Jo 4, 1-2). Assim, precisou atravessar o território da Samaria (conhecido pelos judeus por ser uma região de impuros) até chegar a uma cidade chamada *Sicar*. Chegando à estrada, na altura em que se abre à esquerda o vale de *Siquém*, Jesus parou perto de um poço. Os samaritanos tinham o hábito de dar nomes aos lugares de seu vale a partir de lembranças do seu passado patriarcal. Esse poço era chamado de *poço de Jacó*. Os discípulos entraram na região do vale e foram a cidade comprar mantimentos. Jesus, sentou-se na borda do poço (MACARTHUR, 1991, p. 57).

Perto do meio dia (a hora sexta)[7] uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “dá-me de beber!” [...] diz-lhe a Samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Jo 4, 6-9). Um judeu não poderia dirigir a sua palavra a um samaritano, nem tampouco um homem poderia falar com uma mulher em público (especialmente no caso de Jesus que era considerado um Rabi). Contudo, Jesus inicia uma conversa. A samaritana estava consciente de que a atitude daquele judeu era estranha e incomum por dois motivos: por ela ser samaritana e por ser mulher. Sobre o espanto da cena comenta Pagola: “Aquilo vai contra tudo o que é imaginável em Israel. Jesus se apresenta como um ser necessitado”. (PAGOLA, 2013, p. 75).

Por maior que fosse o ódio entre judeus e samaritanos, o colóquio de Jesus com a mulher era considerado uma quebra de regras muito mais grave do que falar com alguém da Samaria. O autor do quarto Evangelho relata que os discípulos ao voltarem ficaram admirados com a cena. Contudo, nenhum deles pergunta a Jesus: “que procuras?” ou “Por que falas com ela?” (Cf. Jo 4, 27). Jesus vai muito além do abismo que segrega homem e mulher, ele se revela como o Messias de forma direta e pela primeira vez: “A mulher lhe disse: ‘Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos explicará tudo’. Disse-lhe Jesus: ‘Sou eu, que falo contigo’” (Jo 4, 25-26).

[7] A hora sexta é por volta do meio dia. O encontro de Jesus acontece em plena luz do dia, diferente do encontro com Nicodemos que aconteceu à noite (Nota da Bíblia Paulinas, p. 248, 2015).

Jesus se revela como o Messias a uma mulher que imediatamente corre feliz a sua cidade para testemunhar ao seu povo uma grande descoberta. Pelo que o evangelista descreve, o testemunho das mulheres entre os samaritanos parecia ter maior peso do que entre judeus, pois os habitantes da aldeia de Sicar foram ao encontro de Jesus após a samaritana deixar seu cântaro e correr a cidade anunciando as coisas que haviam acontecido com ela no encontro com o nazareno (Cf. Jo 4, 28-30). “Em outras palavras, esta samaritana – duplamente rejeitada pelos judeus, como mulher e como pagã – tornou-se uma apóstola, capaz de arrastar conversões” (GANGE, 2007, p. 25).

Um outro aspecto desse relato se destaca: Ao falar com seus discípulos Jesus revela que os campos estavam prontos para a colheita e que os enviava para colherem o que outros haviam semeado (Cf. Jo 4,35). O Evangelista parece incluir de maneira específica a samaritana entre os semeadores, haja vista que após registrar a afirmação de Jesus aos discípulos acrescentou a informação: “Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: ‘ele me disse tudo o que fiz’” (Jo 4,39s).

Considerações finais

Por fim, de acordo com o que foi estudado, podemos compreender que Jesus conduz a mulher samaritana a uma nova perspectiva, pondo fim a toda sombra de preconceito e de exclusão presentes na mentalidade obscura do passado. O novo momento inaugurado apresenta a luz da unidade e da acolhida capaz de mudar mentalidades a ponto de encontrar o verdadeiro sentido da vida, a verdadeira felicidade, a água viva que sacia a sede existencial e faz o ser humano encontrar-se com a sua verdadeira essência. Como consequência desse encontro, vem o anúncio, o discipulado, a missão: “A mulher vai contar aos habitantes da cidade que talvez ´esse homem’ seja o profeta que sabe tudo, o Cristo. Imediatamente o pessoal sai da cidade para ver Jesus” (KONINGS, 2005, p. 128).

A samaritana encontra algo novo e, por isso, anuncia sem medo a sua experiência com Jesus. Ela representa aqueles que, sendo rejeitados por diversos motivos, encontram acolhida na mensagem de Jesus Cristo e na comunidade cristã. Antes ela evitara a companhia de seus concidadãos; agora era uma mulher mudada que foi em busca deles e contou-lhes o que acontecera. Assim, ela passa de mera

ouvinte a mensageira das palavras de Jesus, confirmando o protagonismo feminino no anúncio do Reino de Deus.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. Português. **A bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

FORTE, B. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**: Ensaio de uma cristologia como história. São Paulo: Paulinas, 1985.

GANGE, F. **Jesus e as mulheres**. São Paulo: Vozes, 2007.

GNILKA, J. **Jesus de Nazaré**: Mensagem e história. São Paulo: Vozes, 2000.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Vozes, 1983.

JOSEFO, F. **Antiguidades dos Judeus contra apion**. Curitiba: Juruá, 2001.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João**: Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

MACARTHUR, J. F. **O Evangelho segundo Jesus**. São Paulo: Editora fiel, 1991.

MERZ, A; THEISSEN, G. **O Jesus histórico**: Um manual. São Paulo: Loyola, 2015.

NEUSNER, J. **O Talmud de Jerusalém**: tradução e comentário. Massachusets: Hendrickson Publishers, 2008. Berachot.

NEUSNER, J. **O Talmud de Jerusalém**: tradução e comentário: Massachusets: Hendrickson Publishers, 2008.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROLLAND, B; SAULNIER, C. **A palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1997.

SOBRINO, J. **Jesus**: O libertador. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.